

Resenha

A Felicidade é uma coisa louca*¹

Angelino Bozzini

Em **Suplência e psicose ordinária**² os autores aproximam o conceito de suplência e o de felicidade. Para tanto, primeiramente é feito um levantamento de como a teoria lacaniana entendeu, em diversos momentos de sua evolução, a psicose.

Em "Formulações sobre a causalidade psíquica" a loucura estaria para Lacan no limiar entre o sentido e o não sentido. O impossível de ser dito de si e da satisfação libidinal abre um furo no Simbólico com o qual se tem que lidar. Para poder compartilhar um senso comum as pessoas precisam de uma "senha" de acesso. Esta seria, para Lacan, um significante ordenador da cadeia significante: o Nome-do-Pai. Ele proporcionaria um "ponto de basta" ao deslizamento dos significantes, gerando assim uma significação passível de decifração.

O psicótico, na psicose dita extraordinária, por não ter acesso a essa senha do Nome-do-Pai, está fora do senso comum e constrói discursos não padronizados quando em surto: o delírio que seria uma tentativa de remendar a falha na cadeia significante.

A partir dos anos 60 Lacan amplia esse conceito observando que algo sempre escapa, para todos os falantes, à possibilidade de denotação da linguagem quando ela tenta dar conta da relação sexual. Isso tornaria a forclusão generalizada.

Nos anos 70 surge o conceito de "sinthoma"; um *savoir-faire* único a cada falante para lidar com a hiância do Outro no que diz respeito ao sexo e à existência. Segundo Miller, « Le symptôme chez Freud [...] se pense à partir de la vérité. C'est une émergence de vérité, il représente la vérité, voire il est vérité. [...] Le sinthome se pense, s'articule, non à partir de la vérité, mais à partir de la jouissance, comme un mode-de-jouir. »³

A partir da convenção de Antibes em 1996, J.A. Miller cunha o termo "psicose ordinária" para designar psicoses onde os fenômenos tradicionais de linguagem não estariam presentes, mas sim uma perturbação na satisfação libidinal, na ordem do gozo. Nessas psicoses outros elementos fariam uma "suplência" ao Nome-do-Pai promovendo uma amarração da significação e permitindo os laços sociais. Essa suplência estaria

* Texto apresentado na 3ª Reunião da SEÇÃO EPISTÊMICA da CLIPP, 06.11.2010

¹ MORAES, VINICIUS. A Felicidade, 1957

² GROSTEIN, S.A., SILVA, R.F., MARON, G, Suplência e psicose ordinária in *FELICIDADE E SINTOMA - Ensaios para uma psicanálise no século XXI*, Maria Josefina Puentes e Marcelo Veras, organizadores, EBP - Currupio Rio de Janeiro - Salvador, 2008

³ MILLER, J.A. Conclusion des Leçons du sinthome Vers les prochaines Journées de l'Ecole.

<http://www.wapol.org/fr/articulos/TemplateImpresion.asp?intPublicacion=13&intEdicion=2&intIdiomaPublicacion=5&intArticulo=504&intIdiomaArticulo=5>

normalmente em uma identificação imaginária apoiada por ideais maternos ou culturais.

Esse conceito de suplência surge como uma função compensatória em "Uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose". Posteriormente aparece como uma invenção única e não convencional que permite ao sujeito temperar o gozo e sua satisfação libidinal.

A busca da felicidade, como postulada nos dias de hoje, leva a um fechamento do inconsciente numa orientação auto-erótica para cuja satisfação se oferece um sem número de saberes "terapêuticos" que não decifram o inconsciente, mas simplesmente tentam dar conta dos sintomas de forma desconectada, buscando obturar a hiância simbólica. Isso é o avesso do que busca a psicanálise.

Segundo Freud, a felicidade só pode ser alcançada de forma episódica. Essa felicidade se aproxima da suplência psicótica, pois ambas trazem em si a falta e a marca do que buscam suprir. Assim, pode-se aprender com a invenção psicótica que para se lidar com o gozo e se atingir a felicidade possível a cada um é preciso buscar-se formas não padronizadas, únicas a cada indivíduo. Como diria Vinicius: A felicidade é uma coisa louca!